

## CAFEICULTURA E SERICICULTURA COMO ATIVIDADES COMPLEMENTARES

**Antonio José Porto**

Zootecnista, Dr., PqC. da APTA Regional de Gália

[ajporto@sp.gov.br](mailto:ajporto@sp.gov.br)

**Marcos José Perdoná**

Agrônomo, Dr., PqC. da APTA Regional de Bauru

[marcos.perdona@sp.gov.br](mailto:marcos.perdona@sp.gov.br)

**Resumo:** No presente artigo é discutido como duas atividades agrícolas podem apresentar pontos em comum e, mesmo, se complementarem, na distribuição da força de trabalho e na formação da renda, de uma propriedade tipicamente familiar.

**Palavras-chave:** Diversificação produtiva, café, seda.

A diversificação produtiva é uma estratégia amplamente adotada pelos produtores rurais, em diversas regiões brasileiras. Embora exija maiores conhecimentos, em diferentes campos de atuação, traz algumas vantagens, como a complementação da renda e sua melhor distribuição ao longo do ano, a racionalização no uso da mão de obra disponível, a redução dos riscos da atividade econômica, quanto aos fatores ambientais e condições adversas de mercado e, em alguns casos, possibilita um manejo mais eficiente e sustentável dos recursos utilizados e dos resíduos produzidos.

No entanto, quando se fala em produção rural familiar deve-se entender a distribuição do trabalho nos diferentes componentes da família e as consequências dessa forma de produção, onde estão envolvidas variadas forças de trabalho, diferentes gostos e culturas de produção. Nesse sentido, é comum, em pequenas propriedades, onde são desenvolvidas

mais de uma atividade produtiva, o homem assumir aquela, ou parte dela, onde o trabalho é mais pesado, enquanto a mulher e os filhos desenvolverem outra atividade, ou funções específicas, onde o trabalho é mais leve.

Além disso, as atividades escolhidas não devem apresentar pontos antagônicos, quanto ao emprego da mão de obra, tempo necessário à realização das tarefas e quanto ao uso de insumos.

### **Cafeicultura no estado de São Paulo, breve histórico.**

Com a abolição da escravatura (1888) e a expansão da cafeicultura, no estado de São Paulo (final do século XIX e início do século XX), houve falta de mão de obra para o trabalho nas fazendas, desencadeando um grande fluxo imigratório, principalmente de italianos e japoneses. Esse modelo de produção possibilitou grande expansão da cafeicultura no estado (**Figura 1**), até a crise mundial de 1929, com a “quebra” da bolsa de valores americana.

Devido à brusca queda dos preços internacionais do café e consequente diminuição das exportações brasileiras, houve grande crise no setor e a falência de muitos cafeicultores paulistas, levando à fragmentação de grandes fazendas em pequenas propriedades rurais (décadas de 1930 e 1940).

Por intermédio de companhias de colonização, que atuavam em São Paulo, as glebas de terra eram vendidas a pequenos agricultores, geralmente imigrantes, trabalhadores de plantações arruinadas, migrantes das antigas zonas cafeeiras ou colonos que sofreram menos com a crise do que seus patrões. Nessas condições, houve uma intensa busca por novas opções produtivas, que substituísse ou complementasse a cultura do café.



**Figura 1.** Cultura do café (LAVOURA 10, 2019)

### **Relação da cafeicultura e sericicultura no estado de São Paulo.**

A partir de 1930, alguns fatores estimularam a adoção da sericicultura em São Paulo, principalmente na região Oeste. Com o enfraquecimento da cafeicultura, houve grande oferta de mão de obra no meio rural, formada basicamente por famílias de imigrantes italianos e japoneses, os quais, muitos, já possuíam experiência com a atividade sericícola, em seus países de origem.

O Brasil, nesse período, foi marcado por uma mudança no rumo da economia, com a substituição do modelo agrário-comercial pelo modelo urbano-industrial, tendo apoio do governo federal (Getúlio Vargas, 1930 – 1945). Sob esse panorama político/ econômico, a sericicultura, além de se beneficiar dos investimentos, considerando seu perfil agro-industrial, contribuiu para a absorção da mão-de-obra urbana, empregando operários nas fiações.

A própria expansão da rede ferroviária no estado (“Paulista”, “Sorocabana”, “Mogiana”, “Noroeste”), para atender o escoamento do café, das fazendas do interior até o porto de Santos, possibilitou a difusão da sericicultura, como fonte de renda para os ferroviários, basicamente pertencentes à colônia italiana. Também parte da colônia japonesa, estabelecida nas zonas da alta paulista e noroeste do estado, adotaram a sericicultura como atividade produtiva, a partir de 1930 (Abreu, 1971).

Em São Paulo, os novos plantios de café ocorreram, principalmente, na região Oeste, em áreas altas, nos denominados “espigões”, que são os divisores das bacias de rios que desaguam no rio Paraná (Tietê, Paranapanema, Grande), áreas essas menos suscetíveis à geadas que as baixadas dos grandes rios (Wikipedia, 2013). Tais condições, que compreendem clima mais quente e seco e terrenos com menor umidade, também são propícias à cultura da amoreira e a criação do bicho-da-seda.

Na época, a atividade sericícola era vista, ainda, pelos cafeicultores, como complementar, considerando sua característica de fixação dos colonos no campo, suplementando sua renda e, principalmente, por garantir a disponibilidade de mão-de-obra no período da colheita do café. Essa integração de serviços era possível, porque a colheita do café coincide com a entressafra da sericultura (maio a agosto), além da possibilidade da divisão do trabalho familiar, onde mulheres, crianças e idosos podiam desempenhar as tarefas de criação do bicho-da-seda (Tsukamoto, 2009).

Diante da situação favorável, houve expansão da sericultura, mas, o principal fator que motivou o crescimento da atividade, no estado, foi a deflagração da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), com o fechamento dos portos Asiáticos e Europeus e o grande interesse dos Estados Unidos em adquirir fio de seda brasileiro. Em alguns municípios do Centro Oeste Paulista, a sericultura tornou-se a principal atividade econômica, tanto no meio rural, com o plantio de amoreira (**Figura 2**) e a produção dos casulos, como no meio urbano, com as fiações de seda.



**Figura 2.** Plantio de amoreira (Foto do autor)

### **Precauções no manejo das culturas.**

Na sericicultura, exige-se a produção de folhas de amoreira sem contaminantes, portanto o amoreiral deve ser localizado em área livre de poluentes e afastado de outras culturas, onde seja prática comum a aplicação de defensivos agrícolas ou outros agentes químicos, que possam ser tóxicos às lagartas do bicho-da-seda.

Embora, na cafeicultura, sejam utilizados defensivos, que podem trazer efeitos negativos a criação do bicho-da-seda, para se prevenir problemas, alguns cuidados devem ser tomados, como:

- A área da cultura do café deve ficar, de preferência, em terreno mais baixo que as instalações e a cultura de amoreira e, se possível, separada por barreiras físicas (cercas vivas, capão de eucalipto, pastagem);
- Deve-se evitar a aplicação de defensivos em dias de ventos fortes, principalmente quando estiverem no sentido do cafezal para o amoreiral;

- Procurar aplicar os defensivos no café, quando o amoreiral estiver podado;
- Devem ser tomados cuidados especiais com o manuseio de defensivos e insumos e com o trânsito de pessoas, entre uma cultura e outra.

### **Considerações finais**

Além dos fatores citados, a escolha do binômio cafeicultura e sericicultura, como atividades complementares, em uma propriedade de cunho familiar, traz ainda algumas vantagens estratégicas, quando se considera que ambas as culturas são tradicionais no Centro Oeste Paulista, com seguro escoamento da produção. O café produz uma safra anual, porém pode ser estocado, para ser comercializado em época oportuna, quando os preços estiverem favoráveis. Os casulos do bicho-da-seda podem ser produzidos em sete a nove colheitas anuais, apresentando comercialização garantida, com preços pré-fixados, o que possibilita um melhor planejamento das receitas.

### **Referências Bibliográficas**

ABREU, O. C. Preparo técnico de ovos do bicho-da-seda. 2 ed. São Paulo: Instituto de Zootecnia, 1971. 108p.

LAVOURA 10, RIZZI, D., 7-Cafezal, 2019. Disponível em :<[blog.aegro.com.br/cafezal/7-cafezal/](http://blog.aegro.com.br/cafezal/7-cafezal/)>. Acesso em 04 de fev. 2020.

TSUKAMOTO, R.Y. Assentamentos rurais e a sericicultura como alternativa de renda: uma reflexão. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 19, 2009, São Paulo. Anais... São Paulo, FFLCH - USP, 2009. p.1-16.

WIKIPÉDIA, O café e a geada, 2013. Disponível em:< [pt.wikipedia.org/wiki/café](http://pt.wikipedia.org/wiki/café)>. Acesso em 08 de jul. 2013.